

CENTENÁRIOS CANUDENSES^(*)

José Calasans

No ano que se inicia, o calendário Conselheiro/Canudos registra dois importantes centenários que merecem referência especial. Primeiro, em maio, os cem anos da malograda missão capuchinha ao reduto de Antonio Vicente Mendes Maciel; depois, em dezembro, a efêmera ocupação da Vila do Bom Conselho, hoje Cícero Dantas, por centenas de seguidores do Bom Jesus, que pessoalmente chefiou a operação, quase militar. A primeira centúria da pregação de frei João Evangelista de Monte Marciano vale ser recordada com a realização de um seminário de alto nível, no qual seja estudado o problema histórico da religião católica nos sertões baianos em fins do século passado. A Universidade Federal da Bahia (UFBa) e a Universidade Estadual da Bahia (UNEB), com suas equipes especializadas em religiosidade popular e movimentos religiosos, estão em ótimas condições culturais de coordenar importante simpósio, que necessariamente precisará contar com o apoio e colaboração dos pesquisadores da Bahia, de Sergipe, do Ceará, de Pernambuco, de São Paulo. É sugestão que me permita fazer como encontro-anunciador das comemorações de 1997, quando o Brasil precisará repensar Conselheiro, Canudos, sertão, Euclides da Cunha, problemática histórica e atual da cultura brasileira. Não teremos neste fim de milênio melhor oportunidade do que o centenário da terrível e sangrenta campanha. Precisamos porém, preparar um ambiente propício à reunião máxima deste fim de século. O seminário aqui sugerido nos parece de gritante oportunidade. Vamos discutir, em maio próximo, partindo do aspecto religioso, o desenvolvimento cultural e econômico do Brasil, no século rodado, com tantas questões, tantas teorias e por que não dizê-lo, com tantas frustrações.

(*) Publicado originalmente em *A Tarde*, Salvador, 27 dez, 1994.

O conhecido relatório do capuchinho italiano, redigido pelo monsenhor José Basílio Pereira, é documento fundamental na reunião de maio. É fácil encontrá-lo na edição facsimilar, editada pelo Centro de Estudos Baianos, por iniciativa do professor Fernando Peres. O relato do frade da Piedade, consignando a história de um insucesso, está repleto de informações, algumas apaixonadas, porém ricas de roteiros para os estudiosos, que neles muito terão de aprender. Aqui fica minha lembrança, em verdade um apelo dirigido aos dirigentes universitários e outros que queiram ajudar a tarefa meritória de aprofundamento das raízes nacionais.

O segundo centenário é o de evento quase nunca rememorado na história canudista. Um equívoco de Euclides da Cunha ficou responsável pelo seu esquecimento. O escritor de **Os Sertões**, lendo mal um trecho do Barão de Jeremoabo, pensou que ocorrera em Bom Conselho, no ano de 93, o primeiro ato de rebeldia do Conselheiro contra as autoridades municipais. O lugar foi Natuba, hoje Nova Soure. A vila de Bom Conselho veio a ser envolvida pela agressividade dos jagunços em dezembro de 1895, quando Antonio Vicente e seus adeptos lá estiveram, em clima de guerra, arrebatando as tabuletas de impostos, mudando o lugar da feira, ameaçando autoridades, desafiando os “miseráveis republicanos”. O poder público não tentou a menor reação. Estava sem forças para fazê-lo. Na imprensa, porém, surgiram advertências e protestos, que muito contribuíram para o clima antiConselheiro, levado ao extremo nos fins de 1896. É bom mencionar, porque todos conhecem o episódio, haver sido o juiz de direito de Juazeiro, bacharel Arlindo Leoni, o principal responsável pelo envio da primeira tropa contra Canudos, a expedição Pires Ferreira, ato que desencadeou a Guerra do Belo Monte. Pois bem, o juiz de Bom Conselho, quando a localidade foi invadida, era Arlindo Leoni, que não teve condições de vir à sede do seu juizado, mantendo-se recolhido numa propriedade vizinha. Parece não haver esquecido a humilhação. Procurou vingar-se. E fez a abertura de uma tragédia.